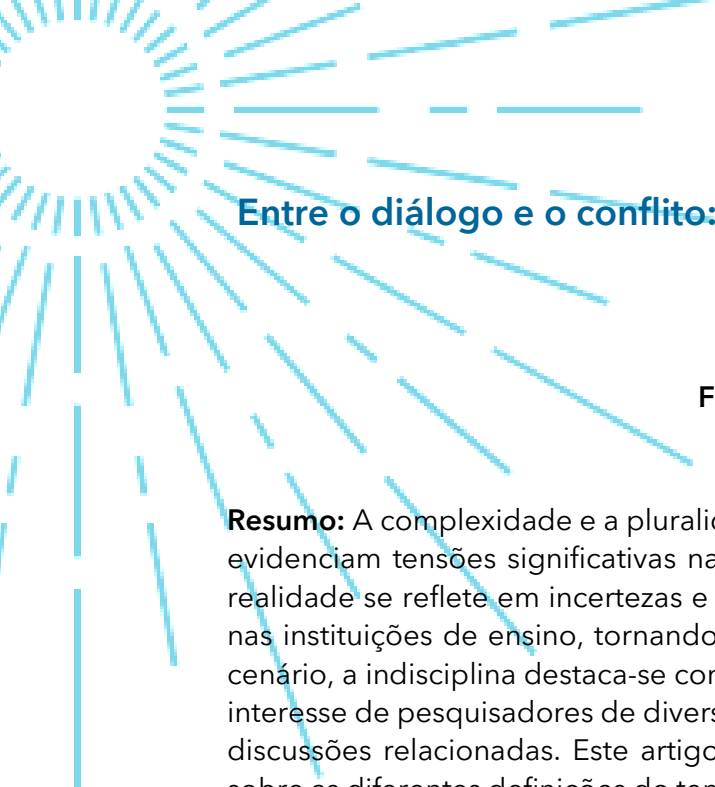




## Entre o diálogo e o conflito: a indisciplina na realidade da escola

*Eliana do Nascimento Lopes*

Facultad Interamericana de Ciencias Sociales- PY

**Resumo:** A complexidade e a pluralidade das configurações sociais contemporâneas evidenciam tensões significativas nas esferas social, econômica e ético-moral. Essa realidade se reflete em incertezas e conflitos que permeiam as relações vivenciadas nas instituições de ensino, tornando-as progressivamente mais desafiadoras. Nesse cenário, a indisciplina destaca-se como um tema central para educadores, atraindo o interesse de pesquisadores de diversas correntes teóricas que buscam aprofundar as discussões relacionadas. Este artigo se propõe a realizar uma revisão da literatura sobre as diferentes definições do tema, com a finalidade de compreender, no campo da educação, de que maneira ações colaborativas, dialógicas e democráticas podem promover o desenvolvimento humano. Selecionamos e organizamos estudos científicos dos últimos dez anos que abordam essa questão, utilizando dados qualitativos e quantitativos por meio de uma revisão sistemática integrativa. Ressaltamos a importância de ambientes que fomentem o diálogo, viabilizando o desenvolvimento de habilidades fundamentais, como autonomia, responsabilidade e comunicação eficaz, elementos essenciais para a reversão de comportamentos considerados indisciplinados no contexto escolar.

**Palavras-chave:** Educação. Indisciplina. Professor.



Recebido em: fev. 2024. Aceito em: jul. 2024.

DOI: 10.56069/2676-0428.2024.474

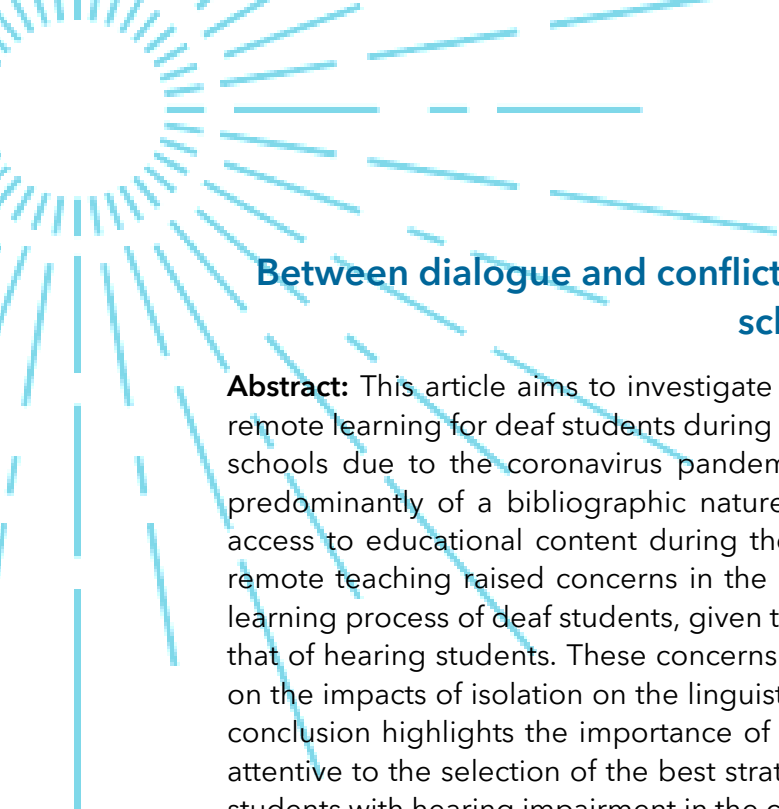
*Por uma Educação Científica: Saberes, Vivências e Práticas*

Agosto, 2024 v. 3, n. 20

Periódico Multidisciplinar da FESA Educacional

ISSN: 2676-0428





## Between dialogue and conflict: indiscipline in the reality of the school

**Abstract:** This article aims to investigate the challenges faced in the accessibility of remote learning for deaf students during the social isolation caused by the closure of schools due to the coronavirus pandemic in 2020. This is a qualitative research, predominantly of a bibliographic nature, which examines how deaf students had access to educational content during the Covid-19 period. The implementation of remote teaching raised concerns in the school community about the teaching and learning process of deaf students, given that their way of communicating differs from that of hearing students. These concerns motivated a specific and exploratory study on the impacts of isolation on the linguistic and social development of the deaf. The conclusion highlights the importance of educators and interpreters of Libras being attentive to the selection of the best strategies for the transmission of knowledge to students with hearing impairment in the context of remote teaching.

**Keywords:** Education. Indiscipline. Teacher.

## Entre el diálogo y el conflicto: la indisciplina en la realidad de la escuela

**Resumen:** La complejidad y pluralidad de las configuraciones sociales contemporáneas muestran tensiones significativas en las esferas social, económica y ético-moral. Esta realidad se refleja en incertidumbres y conflictos que permean las relaciones vividas en las instituciones educativas, haciéndolas cada vez más desafiantes. En este panorama, la indisciplina se destaca como un tema central para los educadores, atrayendo el interés de investigadores de diferentes corrientes teóricas que buscan profundizar las discusiones relacionadas. Este artículo tiene como objetivo revisar la literatura sobre las diferentes definiciones del tema, con el propósito de comprender, en el campo de la educación, cómo las acciones colaborativas, dialógicas y democráticas pueden promover el desarrollo humano. Hemos seleccionado y organizado estudios científicos de los últimos diez años que abordan este tema, utilizando datos cualitativos y cuantitativos a través de una revisión sistemática integradora. Enfatizamos la importancia de ambientes que promuevan el diálogo, posibilitando el desarrollo de habilidades fundamentales, como la autonomía, la responsabilidad y la comunicación efectiva, elementos esenciales para la reversión de conductas consideradas indisciplinadas en el contexto escolar.

**Palabras-chave:** Educación. Indisciplina. Maestro.

## Introdução

Nos últimos anos, o interesse por pesquisas relacionadas à indisciplina aumentou de maneira significativa, com o objetivo de entender melhor esse fenômeno, planejar intervenções para lidar com comportamentos inadequados dos alunos e desenvolver estratégias que atenuem os impactos no processo de ensino-aprendizagem (AQUINO, 2016; NETO; BARRETO, 2018). Este artigo tem como propósito revisar a maneira como a indisciplina tem sido abordada em pesquisas recentes, buscando novos olhares nas áreas da educação, enfatizando a relevância de ações colaborativas, dialógicas e democráticas no ambiente escolar para promover o desenvolvimento humano.

A escola se configura como um espaço capaz de acolher a diversidade e propiciar aprendizados que vão além do simples conteúdo, criando experiências significativas para os alunos, envolvendo emoções e simbolismos que favorecem o crescimento pessoal. Essas experiências podem se mostrar desafiadoras ao longo da trajetória escolar, frequentemente gerando conflitos decorrentes da interação grupal. Assim, a educação democrática deve fomentar habilidades para lidar com os diferentes conflitos de ideias, influências culturais e emoções que emergem nas relações entre o indivíduo e o mundo (ARAÚJO, 2015).

Em um ambiente verdadeiramente democrático (TAVARES; MENIN, 2015), valoriza-se a participação ativa nas discussões de problemas, onde o diálogo é essencial para priorizar os interesses coletivos. Ações democráticas nas escolas incentivam a colaboração, a solidariedade e a tomada de decisões, reduzindo arbitrariedades e autoritarismos nas normas (VINHA ET. AL., 2019).

Uma convivência democrática genuína considera a construção coletiva de conhecimentos sobre regras, onde o aprendizado para a convivência não se baseia na obediência cega, mas na autonomia e responsabilidade do aluno ao longo de sua vida escolar (PUIG et al., 2000).

Revisões de literatura, como as de Aquino (2016) e Gomes e Casagrande (2002), evidenciam um crescente interesse sobre o tema, atraindo pesquisadores de diversas áreas para investigar a indisciplina. Isso reflete também a demanda das escolas por ações que possam mitigar conflitos no ambiente educativo.

Um dos desafios identificados consiste em compreender o que realmente significa 'indisciplina'. Além de estar associado a desempenhos acadêmicos insatisfatórios, comportamentos rebeldes podem sinalizar problemas de socialização e adaptação escolar, sendo interpretados como formas de exclusão social dentro do contexto educacional.

A complexidade das relações sociais contemporâneas leva as instituições a enfrentarem crises nas antigas estruturas disciplinares, frequentemente contestadas. As transformações socioeconômicas e culturais impactam a percepção sobre comportamentos transgressores, evidenciando que as visões acerca da indisciplina são dinâmicas e variam ao longo do tempo (PRATA, 2003).

Diante desse panorama, é crucial promover estudos sobre indisciplina e implementar ações democráticas nas escolas, refletindo sobre as expectativas e desafios dos diferentes atores envolvidos no processo educativo.

## **Método**

Por meio de uma revisão da literatura, realizamos uma investigação minuciosa de estudos acadêmicos dos últimos dez anos sobre indisciplina escolar na contemporaneidade. Seleccionamos publicações que abordam ações colaborativas, dialógicas e democráticas entre alunos e outros membros da comunidade escolar, sempre visando o desenvolvimento humano.

Neste levantamento, compilamos pesquisas tanto qualitativas quanto quantitativas acerca da indisciplina escolar, adotando os princípios de uma revisão sistemática da literatura integrativa. Essa metodologia possibilita ao

pesquisador examinar o tema sob diversas perspectivas teóricas e experimentais.

Conduzimos uma busca por produções científicas pertinentes à nossa questão de pesquisa, o que nos permitiu desenvolver reflexões tanto metodológicas quanto conceituais sobre indisciplina. Concentramos nossa análise em trabalhos que enfatizam a importância de ambientes escolares que incentivem a cooperação, a autonomia e o respeito mútuo entre alunos e professores, estabelecendo conexões significativas com nossa investigação.

A pesquisa foi realizada nas seguintes bases de dados: Portal de Periódicos da Capes/MEC, SciELO e Google Acadêmico. Identificamos mais de cem produções científicas que atenderam aos seguintes critérios: a) inclusão dos termos “indisciplina” and “escolar”; b) estudos de âmbito nacional e internacional publicados entre 2013 e 2023; c) artigos científicos, dissertações e teses; d) pesquisas focadas no ensino fundamental; e) áreas relacionadas à educação.

### **Dados Seleccionados**

As teses selecionadas apresentaram problematizações significativas: a) de acordo com Machado (2017), há uma supervalorização das ações associadas à violência e à indisciplina no comportamento dos adolescentes, resultante da dificuldade desses jovens em compreender o ‘capitalismo estético’. A pesquisa qualitativa foi guiada por uma análise foucaultiana das relações institucionais e discursivas do poder, sob a ótica do pensamento pós-estruturalista; b) conforme afirma Duarte (2023), é crucial estabelecer relações pedagógicas mais sensíveis às singularidades de alunos e famílias, devido à diversidade de padrões culturais, sociais e morais presentes na escola. Seu estudo, fundamentado nos princípios da pesquisa qualitativa, adota uma perspectiva histórico-cultural.

As dissertações analisadas neste trabalho destacam: a) segundo Trevisan (2016), há uma urgência em se implementar intervenções formativas direcionadas aos profissionais da educação para lidar com a indisciplina, a

partir da investigação dos significados atribuídos ao tema por estudantes, professores e gestores. O estudo baseia-se nas discussões da 'Teoria da Atividade Sócio-histórico-cultural'; b) para Cutrim (2015), a compreensão da indisciplina deve levar em conta os significados subjetivos construídos pelos professores, fundamentados em suas experiências pessoais e profissionais no ambiente escolar. Suas reflexões se apoiam na 'abordagem histórico-cultural da subjetividade'.

Os artigos científicos selecionados exploram a indisciplina escolar sob diversas perspectivas conceituais, utilizando métodos de investigação variados e apresentando múltiplas interpretações: a) reflexões teóricas sobre a indisciplina escolar, levando em consideração revisões de literatura e contextos sócio-histórico-culturais (BOARINI, 2013); b) interpretações da indisciplina escolar com base nas opiniões de docentes registradas em diários de classe, adotando um método interpretativo de enfoque etnográfico (SILVA; SANTOS, 2023); c) um estudo sobre a gestão da indisciplina por meio da metodologia de Assembleias de Alunos dentro de um projeto de promoção de comportamentos pró-sociais (CARVALHO et al., 2017); d) análises da indisciplina à luz da psicologia escolar (MIRANDA et al., 2016); e) investigação dos sentidos subjetivos que os professores atribuem à indisciplina escolar, mediante a abordagem histórico-cultural (CASTANHO; CUTRIM, 2014); f) análise das representações sociais de estudantes sobre indisciplina à luz do desenvolvimento moral de Piaget (FERREIRA; ROSSO, 2013); g) análise das representações sociais de professores sobre indisciplina, utilizando a metodologia de análise de conteúdo (FERREIRA et al., 2016; SOARES; FARIAS, 2018); h) reflexões sobre indisciplina escolar através da análise do poder, conforme os postulados de Michel Foucault (OLIVEIRA et al., 2023); i) investigação da indisciplina utilizando escalas comportamentais de caráter plurimetodológico (PROS et al., 2015); j) pesquisa voltada à aprendizagem colaborativa e às estratégias de enfrentamento de situações-problema (FERREIRA, 2022).

## Análises e Discussões

A variedade de teorias que busca entender a indisciplina escolar reflete o crescente interesse pelo tema. É essencial desenvolver alternativas que minimizem os impactos pedagógicos e relacionais decorrentes dos conflitos disciplinares nas instituições de ensino (AQUINO, 2016; NETO; BARRETO, 2018).

A análise das publicações científicas deste artigo demonstra que a indisciplina é resultado de um conjunto de causas e consequências multifatoriais dentro da escola (CARVALHO et al., 2017; CASTANHO; CUTRIM, 2014; MACHADO, 2017), apresentando, portanto, diferentes perspectivas sobre a questão.

Pesquisas realizadas por Machado (2017) evidenciam que a complexidade do tema requer uma reflexão aprofundada sobre os comportamentos indisciplinados no ambiente escolar. Essa análise é fundamental para a compreensão do problema e para a busca de práticas de ensino mais horizontais.

Ao considerar a situação, observa-se que práticas de diálogo que levam em conta a realidade social da escola e as necessidades dos alunos resultam em intervenções significativas para a aprendizagem, promovendo ações colaborativas, conforme apontam Miranda et al. (2016). Nesse contexto, é vital agir de forma proativa na realidade educacional, valorizando as experiências dos estudantes, o que possibilita uma transformação das práticas de manejo de conflitos de maneira mais eficaz (VINHA et al., 2019).

No entanto, Duarte (2023) ressalta que lidar com queixas de indisciplina representa um desafio para a prática pedagógica. Frequentemente, as intervenções são imediatas e não consideram a perspectiva dos alunos, priorizando soluções genéricas para questões específicas, o que pode gerar frustração.

Dados da pesquisa de Cutrim (2015) indicam que os professores enfrentam uma dualidade em relação a práticas democráticas no ensino, oscilando entre métodos autoritários e tentativas de estabelecer relações

cooperativas com os alunos. Ferreira et al. (2016) discutem que a perspectiva dos educadores sobre indisciplina tende a buscar a resolução de queixas por meio da punição, limitando, assim, a autonomia moral dos alunos em relação a regras que nem sempre são vistas como justas.

Essa diversidade nas abordagens dos educadores e a falta de clareza nas normas institucionais geram confusão nos alunos, que não percebem legitimidade nas regras estabelecidas (MIRANDA et al., 2016; WESTHEIMER, 2015).

A pesquisa de Silva e Santos (2023) critica a abordagem imediatista em torno da indisciplina, caracterizando-a como uma forma simplista de coerção. Os autores argumentam que tais intervenções reforçam normas escolares sem fomentar uma postura mais autônoma nos alunos, sendo imprescindível a construção de uma cultura de cooperação nas escolas (VINHA et al., 2019; WESTHEIMER, 2015).

Dessa forma, a indisciplina se insere nos processos de aprendizagem e os transcende. Isso pode dificultar as relações entre estudantes e professores, além de impactar a organização institucional. Portanto, compreender a complexidade desse tema é crucial para evitar uma visão simplista, buscando práticas educacionais que valorizem a autonomia dos alunos, a autorregulação comportamental e a cooperação em contextos sociais que promovam o desenvolvimento individual (FERREIRA, 2022).

Diversos estudiosos percebem a escola como um espaço que normatiza relações, não apenas para controle, mas também para a formação de cidadãos. Nesse contexto, as regras e limites são vistos como essenciais para o sucesso do processo de ensino-aprendizagem (BOARINI, 2013; PROS et al., 2015).

Em relação à função instrucional da disciplina, Soares e Farias (2018) ressaltam a nostalgia dos educadores quanto aos tempos em que a disciplina era imposta por medo e respeito à autoridade, embora atualmente não haja um padrão claro estabelecido para lidar com a indisciplina nas escolas.

Assim, a crise atual em torno da disciplina educacional está interligada a novas formas de convivência na sociedade pós-moderna. A atividade



docente, antes percebida como uma mera solução de problemas, agora precisa se adaptar às transformações culturais para otimizar os processos pedagógicos e as relações com os alunos (FERREIRA, 2022).

Pesquisas de Machado (2017) e Trevisan (2016) indicam que a aprendizagem transcende aspectos técnicos, ocorrendo em diálogo com outros atores e suas experiências. Construir uma escola que receba os alunos além da rigidez das normas e que promova espaço para diversão, criatividade e respeito às diferenças desafia a severidade da disciplina e contribui para a formação de valores fundamentais que fortalecem a democracia no ambiente escolar.

Na nossa revisão, identificamos diversas definições de comportamentos indisciplinados no contexto escolar (BOARINI, 2013), os quais são vistos como obstáculos ao convívio e à prática pedagógica. Esses comportamentos incluem: falta de atenção, atrasos, gritos, movimentações não autorizadas, brincadeiras inadequadas, agressões físicas e verbais, além de desobediência.

Os comportamentos que desafiam as normas institucionais precisam ser examinados dentro do contexto cultural de cada período, como ressaltam Pereira e Blum (2014). A padronização de comportamentos, desconsiderando a cultura escolar e as peculiaridades de cada aluno, tende a disfarçar conflitos e não favorece o diálogo e a negociação, que são indispensáveis para uma prática democrática no ambiente educacional.

Outra questão significativa abordada na literatura é a patologização da indisciplina. Duarte (2023) aponta que muitos alunos são encaminhados a profissionais de saúde mental, evidenciando a percepção, por parte de alguns educadores, de que a indisciplina está relacionada a transtornos psíquicos, como o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade. Assim, várias instituições recorrem a especialistas como psicopedagogos, psiquiatras, neurologistas e psicólogos para lidar com a indisciplina escolar, por meio de intervenções individuais (CUTRIM, 2015). No entanto, é crucial desenvolver ambientes pedagógicos que promovam o diálogo e a responsabilidade compartilhada entre alunos e professores para abordar essa questão de forma eficaz.

Pesquisas indicam que muitos educadores enxergam a indisciplina como um traço da personalidade do aluno, o que reduz a responsabilidade da escola em implantar estratégias colaborativas para lidar com a indisciplina (MACHADO, 2017; MIRANDA et al., 2016; TREVISAN, 2016).

Implementar práticas colaborativas e dialógicas nas escolas é primordial para uma educação focada na cidadania, favorecendo a construção de ideias compartilhadas que reforçam as relações entre alunos e professores, além de promover valores como pertencimento, solidariedade e comprometimento (WESTHEIMER, 2015), fundamentais para a aprendizagem e desenvolvimento dos estudantes (MACHADO, 2017).

Estudos de Boarini (2013) e Trevisan (2016) destacam a relevância de criar espaços de discussão mais democráticos e preparar os professores para práticas pedagógicas colaborativas. Estes autores acreditam na viabilidade de abordagens pedagógicas que leve em conta o contexto sociocultural dos alunos, promovendo sua autonomia nos processos de ensino-aprendizagem e desenvolvimento humano.

Pesquisadores como Trevisan (2016) enfatizam a urgente necessidade de reformular o ensino tradicional, criticando a supervalorização da disciplina como algo essencial para a aprendizagem. Eles defendem a transição de métodos autoritários para abordagens educacionais que priorizem o diálogo e a cooperação, incentivando a autogestão do comportamento e a autonomia dos alunos, com a efetiva participação social (WESTHEIMER, 2015).

A pesquisa de Ferreira et al. (2016) sugere que projetos de educação moral que considerem as experiências dos alunos podem facilitar o desenvolvimento moral e a autodisciplina, por meio do respeito mútuo e do diálogo, criando espaços cooperativos para formar indivíduos autônomos na escola, alinhando-se à urgência de práticas educacionais mais horizontais e colaborativas que incentivem o protagonismo estudantil (VINHA et al., 2019; WESTHEIMER, 2015).

Nesse contexto, é importante ressaltar a pesquisa de Silva e Santos (2023), que revelou que estudantes envolvidos em programas colaborativos de aprendizagem tendem a cultivar uma relação mais dialógica e participativa

com os professores, ajudando-os a desenvolver estratégias para enfrentar situações de estresse, usando uma comunicação mais assertiva e controlando impulsos e agressividade. Segundo os pesquisadores, embora essa abordagem represente um desafio para a prática docente, ela pode mitigar a gravidade dos conflitos disciplinares e promover o desenvolvimento emocional dos alunos.

Duarte (2023) ressalta que a autodisciplina deve ser construída a partir de uma compreensão clara das normas escolares, contando com a colaboração de professores e outros membros da comunidade escolar, para garantir um ambiente democrático e participativo. Essas atividades pedagógicas que incentivam o diálogo e a autonomia auxiliam os educadores a gerir melhor o tempo e os recursos.

O estudo de Carvalho et al. (2017), que utilizou a metodologia da Assembleia de Alunos, buscou compreender comportamentos pró-sociais em escolas portuguesas que promovem diálogo e autonomia. Os autores concluíram que a autogestão do comportamento pode ser aprimorada ao incluir alunos nos processos de tomada de decisão, reforçando o pensamento crítico, o raciocínio moral e as relações interpessoais.

Conforme enfatiza Westheimer (2015), a transformação e o desenvolvimento de práticas colaborativas nas escolas exigem uma abordagem pautada na honestidade, no realismo e na conscientização sobre as dinâmicas democráticas e antidemocráticas presentes em sala de aula. É fundamental implementar programas inovadores que criem estratégias voltadas para a promoção de metas de aprendizagem mais horizontais, com ênfase nos conteúdos essenciais do currículo. É crucial destacar que não há uma solução única que se ajuste a todos os casos: não existe uma solução tamanho único para ensinar como pensar por si.

## Considerações Finais

Embora persistam práticas pedagógicas pouco abertas à autonomia dos estudantes, a presente discussão acolhe a importância de ambientes colaborativos que busquem ressignificar a indisciplina escolar por meio da intencionalidade de ações pautadas na capacidade ativa e reflexiva dos atores escolares diante dos conflitos experimentados na escola.

Os estudos acerca da indisciplina escolar na atualidade revelam uma complexidade de acepções teórico-metodológicas sobre o tema, agregando contribuições de diversas áreas de conhecimento que tendem a convergir para a busca de novas inteligibilidades sobre ações colaborativas, dialógicas e democráticas no contexto escolar que possam favorecer processos de desenvolvimento humano, diante dos desafios engendrados pelos modos de vir a ser da pós-modernidade.

Conforme sinalizam Silva e Santos (2023), é a partir da construção de possibilidades sociorrelacionais na escola que ações como a autogestão do comportamento, corresponsabilidade e tomada colaborativa de decisões se tornam possíveis, a fim de que processos de desenvolvimento humano possam ser favorecidos na escola.

Ao fortalecer a participação dos estudantes em práticas democráticas, há o reconhecimento de suas próprias trajetórias pessoais e acadêmicas na construção de práticas dialogadas e potencializadoras de desenvolvimento humano, ainda que conflitos disciplinares persistam na escola. A promoção de um ambiente sociomoral colaborativo e favorecedor do desenvolvimento humano não deve prescindir de esforços preventivos, interventivos e fomentadores da participação democrática.

Nossas reflexões partem de um profundo respeito e consideração pela importância do espaço escolar como potencial precursor de experiências e processos de desenvolvimento humano, considerando a diversidade de mundos e potencialidades que ali se intensificam, inspirando-nos à construção de espaços mais democráticos e favorecedores de estratégias de cooperação no contexto escolar.

## Referências Bibliográficas

AQUINO, J. G. Indisciplina escolar: um itinerário de um tema/problema de pesquisa. **Cadernos de Pesquisa**, 2016.

ARAÚJO, U. F. **Autogestão na sala de aula**: as assembleias escolares. São Paulo: Summus, 2015.

BOARINI, M. L. Indisciplina Escolar: uma construção coletiva. *Psicologia Escolar e Educacional*, 17(1), 123-131, 2013.

CARVALHO, M.; ALÃO, P.; MAGALHÃES, J. Da indisciplina ao clima de escola: a voz dos alunos. **Revista Portuguesa de Investigação Educacional**, 17, 42-60, 2017.

CASTANHO, M. I. S.; CUTRIM, F. F. Sentidos produzidos por professores acerca da indisciplina escolar. *Educação em Revista* 4(2), 75-92, 2014.

CUTRIM, F. F. A produção de sentidos por professores acerca da indisciplina no Ensino Fundamental e relações com trajetórias de vida. (Dissertação de mestrado). Centro Universitário FIEO, Osasco, 2015.

DUARTE, Beatriz Almeida. **Autoeficácia docente e gestão da indisciplina**. 2023. Tese de Doutorado.

FERREIRA, A. C.; ROSSO, A. J. Estrutura das representações sociais dos alunos de 9º ano sobre a indisciplina. **Psicologia da Educação**, 37, 15-29, 2013.

FERREIRA, A. C.; SANTOS, E. R.; ROSSO, A. J. Representação social da indisciplina escolar. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, 32(1), 199-208, 2016.

FERREIRA, Liliane Musumeci. Aprendizagem, Respeito, Indisciplina Como Devemos Agir Em Pleno 2022?. **Educação socioemocional**: desafios e práticas pedagógicas, p. 56, 2022.

GOMES, I. S.; CAMINHA, I. O. Guia para estudos de revisão sistemática: uma opção metodológica para as ciências do movimento humano. **Movimento**, 20(1), 395-411, 2014.

GOMES, J. B.; CASAGRANDE, L. D. R. Educação reflexiva na pós-modernidade: uma revisão bibliográfica. **Revista Latino-americana de Enfermagem**, 10(5), 696-703, 2002.

MACHADO, S. M. **Ditos, não ditos, juventudes, violências, indisciplinas**: tentáculos do capitalismo estético? Racismos invisíveis? (Tese de doutorado). Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2017.

MIRANDA, L. L.; OLIVEIRA, E. N. P.; SHIOGA, J. E. M.; RODRIGUES, D. C. Pesquisando com jovens na escola: desafios da pesquisa-intervenção em dois contextos escolares. **Psicologia Escolar e Educacional**, 20(2), 245-254, 2016.

OLIVEIRA, Elenice Maria et al. CONTRIBUIÇÕES DO PENSAMENTO DE MICHEL FOUCAULT PARA A EDUCAÇÃO: O PODER DISCIPLINAR. **Revista Científica Novas Configurações-Diálogos Plurais**, v. 3, n. 4, p. 68-80, 2023.

PEREIRA, A. I. B.; BLUM, V. L. Poder, resistência e indisciplina escolar: a perspectiva docente sobre os comportamentos transgressores dos alunos. **Educação e Psicologia**, 23(54), 739 - 757, 2014.

PRATA, M. R. S. **A produção da subjetividade e as relações de poder na escola: uma reflexão sobre a sociedade disciplinar na configuração social da atualidade**. Trabalho apresentado no GT Psicologia da Educação, durante a 26ª Reunião Anual da ANPED, realizada de 5 a 8 de outubro de 2003, em Poços de Caldas (MG), 2003.

PROS, R. C.; MUNTADA, M. C.; MARTÍN, M. B. Indisciplina instruccional y convencional: su predicción em el rendimiento académico. *Revista Colombiana de Psicología*, 24(2), 317-330, 2015.

PUIG, J. M.; NOVELLA, A. M.; ESCARDÍBUL, S.; MARTÍN, X. **Democracia e participação escolar**: propostas de atividades. São Paulo: Moderna, 2000.

SILVA, Antônio Laércio Nunes; SANTOS, Maria Pricila Miranda. CAUSAS DA INDISCIPLINA ESCOLAR. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 9, n. 9, p. 3406-3418, 2023.

SOARES, R. R. B. S.; FARIAS O. M. Reflexões sobre o discurso docente acerca da indisciplina e do mau desempenho escolar. **Entrepalavras**, 8, 93-118, 2018.

TAVARES, M. R.; MENIN, M. S. S. Avaliando valores em escolares e seus professores: proposta de construção de uma escala. **Textos FCC**, 46, 1-85, 2015.

TREVISAN, N. P. **Indisciplina Escolar**: Base Catalisadora de Formação Docente. (Dissertação de mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

VINHA, T.; AMARAL, C. A.; NUNES, A. Contemporaneidade e a convivência democrática na escola. **Revista Eletrônica de Psicologia e Epistemologia Genéticas**, 11, 123-158, 2019.

WESTHEIMER, J. Ensino para a Ação Democrática. **Educação & Realidade**, 40(2), 465-484, 2015.